

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

15 DE JANEIRO DE 1848.

N.º 74

LEVANTAMENTO EM MINAS GERAES NO ANNO DE 1708.

(Extracto da vida do Padre Belchior de Pontes, escripta pelo Padre Manoel da Fonseca, Jesuitas, e naturaes de S. Paulo.)

Sendo de ordinario as guerras civis o açoitado, com que Deus castiga aos povos, não será muito de estranhar que aos peccados dos moradores das Minas se attribuaõ as guerras, que entre si tiverão, tão celebres e deoantadas com o apellido do levante dos Embuabas contra Paulistas. Haviaõ dez annos que se tinhaõ descoberto aquelles thesouros da natureza, e com a fama do ouro tinhaõ concorrido tanto povo, não só de S. Paulo e de todo o Brasil, mas passando alem do mar a noticia de tão precioso metal, se abalaraõ tambem os Europeos com tal empêho, que nestes brevêssimos annos se achavaõ já naquelles até então indultos sertões, e só habitados de teras e gentios, grandes povoações de Portuguezes. Não havia entre elles lei, que os obrigasse a viver sujeitos, e só com uma livre escravidão se sujeitavaõ todos aos seus vicios.

Reinava entre tanta abundancia de ouro a luxuria, e estava estabelecida com lei inviolavel pena de morte a todo aquelle que, sem attençaõ ao mau estado do seu proximo, se atrevesse a violar o thalamo da concubina, bastando para a execuçaõ de tão iniqua lei pequenos indícios; e quando o offendido se prezava

de pio, chegava a condemnar a açoitado o transgressor, como se fôra escravo, tendo a fortuna de esopar algum por justos respeitos. Acompanhavaõ a este monstro os continuos roubos, os homicidios, as injustiças, e finalmente tudo aquillo que costuma haver naquelles lugares, onde ha falta de homens virtuosos, que com seu exemplo excitem aos mais a viver como christãos, e o temor das justicias, que com castigo determinado pelas leis obriguem, se não a obrar bem, ao menos a fugir do mal.

Não faltavaõ com tudo alguns poderosos, que usurpando a jurisdicção, que não havia naquelles logares, se intrometiaõ a fazer justiça, prendendo em um circulo, que com um bastão faziaõ ao redor do delinquente, impondo lhe logo pena de morte se sabbisse delle sem satisfazer a parte que o accusava. A mesma pena se impunha muitas vezes aos devedores, para que pagassem; e se acaso entre o juiz e o réo haviaõ contas, esquecia-se o juiz da de diminuir, querendo receber por encheio o que lhe pertencia, reservando para a occasião de melhor commodo a satisfacaõ do que lhe pediaõ de desconto; e o peor era que destes juizes não havia appel-

lação, ainda que havia tanto aggravo. Eraõ os complices mais frequentes destes delictos os Paulistas: porque como viviaõ abastados de Indios, que tinhaõ trazido do sertão, e de grande numero de escravos, que com o ouro tinhão comprado, se fizeraõ notavelmente poderosos, chegando alguns a tanta soberania, que fallando com os forasteiros os tratavaõ por vós, como se fossem escravos; e porisso eraõ delles maiores as queixas, ainda que em grande parte nasciaõ dos Mamalucos, que tinhaõ em casa, sem que talvez chegassem sem a noticia dos amos os seus desmanchos.

Dava occasião a estes insultes o ordinario modo de viver daquelles tempos; porque como o intento de muitos, principalmente Europeos, era adquirir naquelles lugares o que haviaõ de gastar nos povoados, entravaõ como Jacob peregrinos, e encostados a um bordaõ, o qual, ainda que lhe servisse para o alivio do corpo, de nada servia para a reputação da pessoa, a qual só pendia em tempos taõ mal ordenados do estrondo das armas, e multidão dos pagens. Advertiaõ neste descuido algumas pessoas, e entre ellas um religioso Trino, cujo solar era a illustrissima casa de Aguas-Bellas, e condoídos dos muitos aggravos, com que viaõ ultrajados muitos homens de bem, começaraõ a persuadir aos sujeitos, que tomavaõ o officio de conduzir escravos, que d'alli por diante entrassem com elles armados; para que, indicando o lustroso das armas o esplendor da pessoa, se evitassem os desatinos, que sem remedio tanto se lamentavaõ. Como esta doutrina se fundava na experiencia, pois se tinhaõ por grandes e de respeito os que tinhaõ quem os fizesse respeitados, começaraõ o'alli por diante a entrar armados, e a fazer-se poderosos, adquirindo com os cabedões o respeito, de que tanto necessitavaõ.

Neste miseravel estado se achavaõ a-

quellas povoações, vivendo todos misturados, mas desunidos; e querendo Deos castiga-los, permittiu que no arraial do Rio das Mortes matasse um Paulista a um forasteiro, que vivia de uma pobre agencia. Como os os animos estavaõ taõ mal dispostos, e eraõ continuos os aggravos que recebiaõ os forasteiros, determinaraõ unidos vingar com o titulo do morto as proprias injurias; e ainda que com diligencia procuraraõ ao matador, com tudo elle, ou estimulado da propria consciencia, ou porque o reservava o Ceo para alguma destino de altissima providencia, se ausentou com tal pressa, que o não poderaõ alcançar. A este, ao parecer, pequeno accidente se ajuntou outro, com o qual se perturbaraõ as Minas; porque estando no adro da igreja do arraial do Caeté Jeronimo Pedroso e Julio Cezar, naturaes de S Paulo, succedeu passar acaso um forasteiro com uma clavina, e querendo elles tomar-lha, o descompuzeraõ brotando naquellas palavras, que subministra a colera na falta da razaõ.

Bem sei que o auctor da America Portuguesa, informado deste caso, escreveu que elles a queraõ furtar: mas eu não me atrevo a pôr este labéo em sujeitos, a quem o nascimento deu mais altos brios. Bem póde ser que na casa de algum delles falta-se alguma clavina, que fosse em tudo semelhante, e que o forasteiro a comprasse ao mesmo que a furtou: mas de qualquer sorte que fosse o caso, o certo é, que estando presente áquelle acto Manoel Nunes Vianna, forasteiro poderoso, e conhecendo a innocencia do injuriado, lhes estranhou o meio e o modo com que queraõ haver a arma. Como estavaõ alterados os animos, seguirãõ-se os desafios de parte a parte, ainda que por estaõ com alguns pretextos se torraraõ a rejeitar pelos dois aggressores. Mas como ficou mal apagada aquella faizca, come-

çaraõ os dois a ajuntar armas, e a convidar os parentes, para que com novo desafio satisfizessem a colera, e ao desafio com que no seu parecer tinhaõ ficado.

Fez-se esta junta com taõ pouco segredo, que chegou logo á noticia dos forasteiros, que habitavaõ os arraiaes do Caeté, Sabarabuçu, e Rio das Velhas os quaes julgando a offensa de Manoel Nunes Vianna, a quem tinhaõ por proteotor, oumo injuria commun, e suppondo que com a sua vida perigava a de todos, oaminharaõ a socoorrel-o, armados e dispostos para qualquer assalto; e bastando esta determinaçãõ para que os contrarios mudassem de opiniaõ, e mandassem dizer a Manoel Nunes Vianna que queriaõ viver em paz e boa correspondencia com os forasteiros, oom tudo passados poucos dias um novo accidente os tornou a perturbar de sorte que nunca mais se uniraõ; porque mandando um Manialuõ a um forasteiro, que vivia com agencia de uma taberna, se acoutou na casa de Joseph Pardo, Paulista de respeito e poderoso, o qual ainda que teve logar para dar fuga ao matador, naõ pôde socegar a furia dos que o busoavaõ enfiurecidos, que naõ attendendo nem ás razões, com que o quiz persuadir que naõ estava em sua casa o matador, nem á lembrança da conoordia pactuada naquelles dias, lhe tiraraõ a vida.

Com este mau successo se tornaraõ a unir os Paulistas, ajuntando armas, escravos, e parentes; e feita nma assemblea pelos fins do mez de novembro de 1708, se espallhou uma voz, a qual affirmava que nella se tinha determinado passar a ferro em o dia 15 de Janeiro do anno seguinte a todos os forasteiros que vissem em qualquer arraial pertencente ás Minas. Apenas correu esta voz, quando os moradores do Caeté, Sabarabuçu, e Rio das Velhas, sem mais a-

veriguaçãõ da verdade, fundados sómente nos desastres passados se miraraõ entre si, e buscando a Manoel Nunes Vianna o elegeraõ por Governador de todas as Minas em quanto S. M. naõ mandava sujeito, que exercesse aquelle cargo. Aceitou elle o posto, e naõ tardaraõ enviados das Minas Geraes, Ouro Preto, e Rio das Mortes, os quaes sandando-o com o mesmo appellido de governador, lhe pediraõ succorro; porque naquellas partes se achava com muitas forças o partido dos Paulistas, e naõ deixavaõ de executar as mesmas insolenias, com que até entãõ tinhaõ vivido.

Partiu logo para as Minas Geraes o novo Governador, e com a sua olegada pôz em segurança aquelle partido: mas tendo noticia que no Rio das Mortes eraõ continuos os insultos, por viverem naquelle arraial poderosos Paulistas, e que os forasteiros tinhaõ chegado já quasi á ultima miseria, estando reduzidos a um pequeno reducto de fachina e terra, que para sua defenza tinhaõ fabricado, lhes enviou a Bento de Amaral Coutinho, natural do Rio de Janeiro. com mais de mil homens valentes e bem armados. Executou elle a ordem, e bastou chegar ao Rio das Mortes para que ficassem livres do perigo aquelles miscravaes. Aquartelou-se no mesmo logar com a gente que levava, e tendo noticia que pelos logares vizinhos vagueavaõ alguns Paulistas com animo de vingança, fez diligencia para colhel-os, ainda que sem effeito, porque elles a toda a pressa se retiraraõ para S. Paulo.

Sabendo porém que em distancia de cinco leguas se achava um numerozo troço de Paulistas destemidos e bem armados, mandou ontra elles um destacamento de muitos homens, á obediencia do capitaõ Tomaz Ribeiro Corso, o qual ainda que chegou a vel-os, com tudo receando o

choque . por julgar o partido contrario com poder superior ao seu, voltou a dar conta a Bento de Amaral Era este sujeito pouco soffrido . e cheio de colera partiu logo a busca-los. Divertiaõ-se elles naquella occasiaõ com o exercicio da caça em uma dilatada campina, que cercava um capaõ , ou pequena matta, onde tinhaõ os seus alojamentos, e suppondo que o cabo era o mesmo Amaral a quem elles conheciaõ por bravo e cruel; se retiraraõ á matta com animo de resistirem á furia dos forasteiros, que os buscavaõ.

Tanto que estes os viraõ recolhidos, cercaraõ a matta: mas foraõ recebidos com uma descarga das clavinas, que empregando a sua violencia nos sitiadores, mataõ logo um valente negro, e a muitas pessoas principaes deixaraõ feridas. Como os forasteiros os naõ podiaõ offender, e só pertendiaõ tirar-lhes as armas, e naõ as vidas, persistiraõ no cerco uma noite e um dia despachando logo para o arraial os feridos para serem curados. No dia seguinte mandaraõ os cercados um boletim com bandeira branca, pedindo bom quartel, e promettendo entregar as armas. Concedeu-lhes Bento de Amaral o que pediaõ, mas faltando como perfido e cruel, tanto que os viu sem armas, deu ordem em altas vozes para que os matassem; e sem mais conselho, acompanhado dos escravos e animos mais vis daquelle exercito, ainda que com peaa e reprehensãõ das pessoas de maior supposiçaõ e qualidades, que nelie se achavaõ fez um tal estrago naquelles miseraveis, que deixando o campo coberto de mortos e feridos foi causa de que ainda hoje se conserve a memoria de tanta tyrania, impondo áquelle logar o infame titulo de Capaõ da traiçaõ.

Governava neste tempo a Praça do Rio de Janeiro D. Fernando Martins Mascarenhas de Alencastro, o qual tendo no-

ticia dos disturbios das Minas, determinou ir em pessoa socegal-os, elegendo para sua guarda quatro companhias pagãs. Chegou ao Rio das Mortes, onde se deteve algumas semanas; e como neste tempo se mostrasse inclinado ao partido dos Paulistas, tratando mal aos forasteiros, deraõ elles logo aviso aos outros arraiaes, dizendo que o novo Governador carregado de correntes e algemas vinha a castigal-os, provando o seu pensamento com as companhias, que para sua guarda tinha levado. Alteraraõ-se tanto com estas vozes os forasteiros, que unidos buscaraõ Manoel Nunes Viana, para se opporem á entrada de seu legitimo Governador. Com esta determinação foram esperal-o no sitio das Congonhas, distante do Ouro Preto quatro leguas, e avisando a casa onde estava, se lhe apresentaraõ em um alto em forma de batalha, pondo a infantaria no centro, e a cavallaria nos lados.

Tanto que os viu D. Fernando, despachou um capitaõ de infantaria com algumas pessoas mais, para que soubessem de Manoel Nunes Vianna, que capitaneava o exercito, qual era o intento daquelle accaõ. Recebeu Manoel Nunes o enviado e depois de ter com elle algumas conferencias, acompanhado de alguns homens do seu partido, fallou a D. Fernando; e estendendo-se a pratica a uma larga hora, voltou para o posto que tinha deixado. Desta conferencia se seguiu dar volta ao Rio de Janeiro D. Fernando, e Manoel Nunes continuando com o seu governo creou os ministros e officiaes, que julgou necessarios para o exercicio das armas e justiças. Mas julgando os homens de maior capacidade que aquelle governo naõ era seguro, nem podia durar muito, enviaraõ a Fr. Miguel Ribeiro, Religioso de N. Senhora das Mercês com cartas para Antonio de

Albuquerque Coelho, que tinha chegado de Lisboa com o governo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe que os fosse governar, e ir em paz. Em quanto elle faz a sua viagem, demos uma volta a S. Paulo, para darmos noticia do que la se obrava.

(Continuar-se-ha)

O MEDICO

1.

La plus haute mission de l'homme, après celle du service des autels, est, d'être pretre du feu sacré de la vie, dispensateur des plus beaux dons de Dieu, et maître des forces occultes de la nature, c'est-à-dire, d'être Médecin. HUFFLAND — Aphorismes.

Depois da missão do homem que, rompidos os laços da patria e de familia, corre por toda a parte onde ha uma alma que resgatar para o Céu: que, affrontando as iras de povos barbaros e selvagens, vai sereno plantar no meio d'elles a cruz do Redemptor; e só, em paiz desconhecido, sem esperança de gloria, ao som do rugir do tigre, levanta a Deos uma oração pelos homens; — que, desgarrado do mundo, se sujeita a uma vida austera de solidão para ir, no alto dos Alpes, apparecer como um anjo ao desgraçado, cujo corpo enregelado com o frio dormia já, sobre um leito de neve, um somno d'onde nunca havia de acordar: — depois da missão d'este homem que inclina a sua fronte encanecida na virtude e na piedade, sobre o leito do pobre como do rico, do grande como do pequeno; a quem se confiam os segredos mais intimos do coração

— unico amigo de quem não tem amigos sobre a terra — que estende ao moribundo aquella cruz que tantas vezes tem recolhido o derradeiro suspiro do homem na hora do passamento, e aquella mão que é a ultima que se aperta ao despedir do mundo, já diante da eternidade! — depois da missão d'este homem, a mais sublime de todas as missões sociais é a do medico

Sacerdote do fogo sagrado da vida, o medico como o sacerdote christão, tem deveres a cumprir igualmente nobres e igualmente sublimes. Diante do doente deve desaparecer para elle toda a ideia de interesse pessoal; deve sacrificar todas as suas conveniencias, a sua reputação mesmo: depositario dos preceitos da arte de curar não ha para elle descanso nem no leito, porque a qualquer hora deve elle correr a toda a parte onde ouvir um gemido do homem que soffre.

Apparece um contagio que caminhando de cidade em cidade vai em cada um de seus passos esmagando milhares de existencias; que fazendo desaparecer, um por um, todos os membros de uma familia deixa apenas ficar, no seu leito de morte, um que viu morrer os paes e depois dos paes os irmãos, que viu morrer a esposa e depois da esposa os filhos; cuja fronte amarellada já está cingida pelo sudario da morte: — um, que ficou só, sem esperanças de soccorro, sem ter ao menos uma creatura humana que o ajude a morrer porque todos o fogem e todos o abandonão horrorizados pelo contagio!... dois homens ha que caminão direito para o agonisante, porque ha naquelle humen dois elementos que precisam ambos de soccorro, — o corpo, de saúde e de vida; a alma, de consolação e de esperança

Grande deve de ser a coragem do medico que assim caminha sereno para o contagio!

O Guerreiro que no campo da batalha, vai de encontro ao adversario vê nas mãos deste scintillarem as armas que o podem ferir e matar, mas vê também no polido dessas mesmas armas o reflexo das suas, vê também nas proprias mãos uma espada para cruzar-se com aquella; é uma lucta igual de homem para homem, face a face. O contagio é um adversario bem differente, è um inimigo occulto, implacavel, cuja arma se não pode cruzar com arma alguma, que com força irresistivel abre com uma mão o tumulo para arrojá-la dentro com a outra todas as victimas que encontra no seu caminho: o medico que no meio de um contagio corre a salvar os doentes bem conhece que caminha sobre um terreno minado por toda a parte, que pode a cada momento despedaçá-lo na sua explosão; mas nem por isso, diante de tamanho perigo, lhe entra na alma mais que um receio — o de chegar já tarde.

No entanto, para o soldado que morreu no campo da batalha ha uma nação inteira para escrever sobre a sua sepultura a palavra — GLORIA: o seu nome escripto na lista dos que morrerão pela patria, è lido por todos com respeito e com saudade.

Para o medico que morreu victima de um contagio, que elle arrostou impellido pelo dever e pela charidade, sem ser ao menos embalado por uma esperanza de gloria, ha só o esquecimento de todos os homens!

Bem elevada é pois a missão do medico: para subir à altura della é-lhe necessario passar por bem grandes sacrificios: — mas quantas vezes encontra elle na sua vida uma hora de recompensa que o faz esquecer todos esses passados sacrificios, que vem por momentos trocar por flores os espinhos da sua corôa!

11.

Ame de l'univers, Dieu. père, créa'eur
Sous tous ces noms divers je crois en toi,
Seigneur!

LAMARTINE.

Ja ia alta a noite: o medico oacado das lidadas fadigas do dia atirára-se sobre o leito: mal tinha cerrado os olhos, umas pancadas batidas apressadamente á sua porta, vierão disparta lo: — era alguem que vinha pedir-lhe socorro; levantou-se e correu para onde o chamavão

Entra em uma casa de familia, e vê, estendida sobre um leito, consummido pela molestia, um corpo de mulher para quem a hora derradeira devêra de vir bem longe. Examina-a com toda a attenção, não lhe esquece cousa alguma porque todo o pensamento se lhe resumiu n'uma só ideia — a de salvar a doente. Todos os olhos dos circunstantes estão cravados no medico a ver se podem penetrar o que se passa dentro d'elle; mas de balde! porque o medico é obrigado a trahir os seus proprios sentimentos, e a não deixar transparecer cousa alguma que possa desanimar o doente: só os olhos se lhe erguerão involuntariamente ao céu como quem dissesse que para aquella alma ja não havia esperanças na terra. Depois recebeu e sahio.

No caminho para casa, o medico encontrou se com o acompanhamento funebre de um funeral que entrava na igreja. O corpo que alli ia morrerá-lhe nos braços no dia antecedente.

„Morreu, reflectiu elle, porque a medicina não teve forças para salvá-lo: — os meios que a experiencia ou o estudo me poderão fornecer todos os empreguei eu, mas de balde, para lhe restituir a saude. Agora que o corpo cahiu na sepultura o medico ja nada tem que fazer

com elle : aqui só se têm que fazer o christão „

E o christão entrou na igreja para unir a sua á voz do sacerdote que entoava as sublimes palavras da oração pelo-finados; —ultimo serviço que o medico pôde prestar ao seu doente.

Se este homem não tivesse cumprido os seus deveres, se tivesse commettido alguma negligencia ou descuido, é impossivel que a voz da consciencia lhe não murmurasse lá dentro — Allí vai o cadaver do homem que tu assassinaste

O medico nada tem com os tribunaes dos homens : do que se passou entre elle e o seu doente ninguem lhe pede contas senão Deus e a consciencia

Que será pois do medico que não o vê / que não pensa que os homens que elle precipitou na sepultura são outras tantas testemunhas que hão de ser chamadas para a sua condemnação no dia tremendo do julgamento !

Que será do medico sem consciencia / que não teme que as sombras das suas victimas venhão perseguir-lo na hora terrivel do remorso !

III.

... ne songe jamais à toi
mais pense uniquement aux
malades. HUGELAND.

O corpo foi entregue á terra. O medico ficou só no meio do profundo silencio do templo, e o seu pensamento se voltou então para o doente cuja salvação lhe estava confiada.

Em uma lampada pendente do tecto bruxuleava uma luz que espalhava em torno uma claridade vaga e incerta.

Ora quasi que se extinguia de todo, ora, como em um derradeiro esforço, po-

voava a igreja de mil formas mal desenhadas que, apparecendo de relance, figuravão á imaginação do homem o aspecto de phantasmas.

“ E’ a luz a lutar com as trevas — murmurou elle — como o homem a quem o destino vai desenrolar a ultima pagina da vida, a debater-se nos braços da morte.

Mas n’um momento eu posso fazer reviver essa luz amortecida, esse fogo quasi extinto! — não poderei fazer o mesmo ao fogo da existencia que se apaga? não poderei soprar a vida naquella corpo que assim escorrega para o tumulo? não haverá alguma esperanza para ella? !

Meu Deus! porque fizeste o soffrimento tão grande e a medicina tão pequena!

E o medico saiu : a ideia de salvar o doente lhe absorvia todo o pensamento : saiu a consultar os livros escriptos por homens, medicos como elle, que tinham legado aos seus collegas pela imprensa o fructo de uma experiencia de muitos annos.

Ahi o tendes então — o medico para quem o curar é um fim e não um meio, que comprehende bem a sua missão e que conhece quaes serão as obrigações que contrahiu quando deixou que com a coroa de Hypocrates lhe cingissem a fronte — a trocar o repouso pela fadiga, o somno pela vigilia, porque sabe que é um dever seu esgotar todos os recursos da arte e porque havia de empregar todos os meios que a arte lhe fornece ainda que nisso sacrificasse a vida : — para elle todos os affectos do coração lhe desappareoerão diante de um affecto, para elle não ha naquella hora no mundo senão o medico e o doente

Ao ler as paginas do seu livro as seguintes reflexões lhe occorram

„ Revolver, uma por uma, todas estas paginas, e ver por toda a parte, a par-

d'esta horrivel molestia, escripta uma sentença de morte; ver por toda a parte, a par do prognostico della, o pavoroso epitheto de *fatal!*

Fatal! — palavra que tantas vezes me fez estremecer no meio da minha carreira de medico, que me faz hoje tremer a lada mais porque vem cortar uma existencia, na melhor quadra da vida, que me está confiada a mim que fui chamado para salvá-la!

E' uma causa sagrada o ter uma vida nas nossas mãos! — e é bem triste o ver á cabeceira do leito de quem ja está pendente sobre o tumulo, os olhos de uma mãe e os de um marido a pedirem nos, por entre lagrimas, uma esperança, quando a cadeia de tão doces affectos que ligavão essa existencia ao mundo tem de dilacerar, no seu rompimento, os corações a que ia prender-se! „

Assim desenganado por tantos medicos, oujas palavras tinha tantas vezes acreditado, nem porisso deixou elle de procurar na sua intelligencia recursos que os vivos lhe não davão: á força de meditar, encontrou meios que poz por obra e o doente foi salvo

E as lagrimas de alegria de uma mãe apertando contra o seio a filha que estremecia! e a indefinivel satisfação de um marido apertando nos braços a esposa que julgava perdida para sempre! o medico no meio d'elles, olhado como um anjo de salvação a sentir calar-lhe pelas veras aquella alegria, filha da consciencia de uma boa obra, que se sente, mas que se não descreve! — que recompensa haverá ahí que possa comparar-se com esta! unica que pode pagar tanto tempo empregado no estudo, tantas horas consumidas nos hospitaes, tantas noites passadas á cabeceira dos doentes a contar um por um os ultimos soluços do homem que expira!

IV,

Que l'impie assistant à ton heure supreme
Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi

LAMARTINE

Os cuidados em que a gravidade da molestia, que o *medico* acaba de destruir o trouxera constantemente envolvido, e a felicidade que elle vira espalhada por uma familia inteira, não o deixarão sentir que uma enfermidade terrivel lhe ia pouco a pouco consumindo as forças e a vida — a elle tão prompto a correr em socorro dos outros.

Recolheu se dos seus trabalhos de todos os dias e ao cruzar os umbraes da sua porta as forças fraquearão-lhe quasi a ponto de o não deixarem suster-se: foi então que elle caíu em si do alto dos seus pensamentos sempre dedicados aos outros, e que se achou diante de toda a gravidade do seu mal; então conheceu elle que aquelle dobrar dos joelhos sob o pézo do corpo lhe dizia que por alli elle ja não havia de sahir senão para a sepultura

Parou então um momento no limiar da porta e lançou pela ultima vez os olhos para o mundo — para aquelle mundo que lhe tinha consumido a vida, a quem elle ja de nada podia servir e que o deixava agora só diante da sua dor.

Neste volver de olhos tão sentido, as lagrimas cabião-lhe em fio pelas faces: lagrimas de homem que se não derramão sem um profundo sentimento.

Com passos mal seguros, foi elle depois caminhando para o leito, e ahí estendido procurava fugir do seu pensamento que lhe revolvia a ideia da morte e lh'apresentava por todas as faces.

A hora extrema do *medico* chegára em fim; essa hora em que a consciencia se ergue diante do homem e lhe desenrola toda

a vida passada, hora por hora, momento por momento, para lhe pedir conta dos seus atos.

Desgraçado do homem que neste momento da vida não tem o apoio de uma crença que o conduza tranquillo para a sepultura; desgraçado do que orê só no mundo e vê esse mundo destruído para elle; desgraçado do que não tem, a par das lagrimas que ohora sobre um passado, que lhe aocene ao longe por entre as incertezas do tumulo!

O tumulo! — ideia que sorri ao desgraçado que devora na soledade as lagrimas da sua dor quando ja nem o chorar lhe pode ser alivio, mas que se alevanta pavorosa diante do homem para quem ainda resta no mundo uma esperanza!

MORRER! sentir-se arrebatado do mundo, além do qual está para uns, o nada; para outros, a ETERNIDADE; para a maior parte a *duvida!*

Como o morrer do marinheiro que sente o seu navio afundar-se com a agua que lhe jorra lá dentro e vem subindo palmo a palmo, a estender o corpo para a victima que a espera lá em cima e que a cada movimento das ondas responde com um grito de dor: como o morrer deste homem que foge espavorido diante da agua que procura crosar por toda a parte, e sente abraçada ao topo do mastro, o navio na sua ultima agonia, assim é o morrer do medico.

Mas para o marinheiro que assim vê ahirir-se-lhe o tumulo, e que, neste transe terrivel, contempla as aguas balouçarem-se activas no seu leito insondavel por toda a vastidão dos mares, e enxuga as lagrimas que lhe correm fio a fio para correr com os olhos todo o horizonte, ha ajuda uma esperanza — o alvejar de uma vela ao longe por entre as ondas do oceano que possa correr a elle e salvá-lo.

Para o *medico* estendido no seu leito de morte nenhuma esperanza lhe resta, porque elle pode penetrar dentro em si mesmo e sentir-se morrer, ver a morte chegar-lhe de envolta com o sangue e contar os momentos da vida pelas pulsações do coração.

De que lhe serve a sciencia neste momento extremo? — para lhe fazer conhecer todo o incuravel do seu mal, todo o desesperado da sua posição; para lhe dizer que o viver é impossivel, para lhe destruir todas as illusões que neste momento vendão os olhos de todos os outros homens e lhes encoobrem o sepulchro:

Oh que para este homem a ultima hora da vida deve de ser bem solemne e bem terrivel! Elle que nunoa se chegou ao leito de um enfermo que lhe não deixasse uma esperanza, muitas vzes mentida, mas animadora sempre, que tinha elle agora para si quando a enfermidade ahi estava diante delle em toda a sua intensidade? só a resignação — aquella virtude que faz com que o christão que se sente mui fraço para os seus males se atire ao seio da Providencia confiado na justiça e na omnipotencia divina.

Passou a mão pela fronte escaldada com a febre e ergueu o seu pensamento para Deus.

„Eisme no ultimo transe da vida — pensou elle para consigo — . . . mas a minha vida não foi como a dos outros homens . . . foi o viver do medico que se deixou morrer a si em quanto curava os outros

Que fizeste no teu perigrinar por este mundo, tu que te votaste ao cumprimento de uma missão sagrada? me pergunta a consciencia.

Que fiz eu?! . . . por toda esta minha vida não me correrão placidos e risinhos seuão os dias da mocidade . . . tu-do o mais foi um continuo lidar entre en-

fermos e agonisantes, entre cadáveres mil vezes.

Vi as lagrimas da gratidão do pobre a quem eu tinha restituído á saude e ao trabalho, e vi os seus filhinhos, a quem a orphandade houvera precipitado na miséria, sorriram-se para mim e brincaram alegres na casa de seus pais.

Não encontro momentos mais felizes por toda a minha vida. É uma recordação esta que vem lançar bastante alívio nas minhas dores presentes. . . quero descer abraçado com ella para a sepultura.

Restitui muitas vezes o filho ao pae, a esposa ao marido, o irmão ao irmão. . . e este pae, este marido e este irmão por ventura se esquecerão de mim. . . nenhum delles virá curvar o joelho sôbre a lajem da minha campa para erguer aos Ceos uma oração pelo seu amigo extinto.

Que fazem esses homens que eu tantas vezes livre das garras da morte e a cujos leitões eu fui tantas vezes levar a vida? — Folgão alegres por esse mundo e nem ao menos evitam ao seu amigo o morrer ao desamparo.

Embora! Que me importa a mim a ingratição dos homens na hora extrema da vida. . . foi com o pensamento em Deus que andei sempre por este mundo. . . a justiça de Deus me julgará. „

Feliz do homem que na hora em que se sente morrer vê luzir-lhe o pharol da esperança, acendido pelos seus sentimentos de Christão e pela consciencia de ter cumprido na terra aquillo para que o destinára o Ceo!

Um dia depois caminhava pela porta do medico um sahimento, sem ostentação e sem grandeza: a pedra da campa fechou-se sôbre o seu cadaver, uma pedra singela e sem inscrições — esquecida de todos!

ANECDOTAS.

Um sujeito que estava sôra de casa, recolhendo-se foi visitar um amigo, que achou morto, e estirado no feretro no meio da casa armada: ficou triste, e espantado, e perguntou ao primeiro creado, o que sôra, e como se chamava o Medico que lhe assistira. Fulano, disse o creado. — Pois diga-me onde mora, que me é preciso para minha mulher.

—>>><<<—
Aqui na minha rua estava uma mulher chorando, e carpindo amargamente á porta da sua casa: passou um grave, e circunspecto Cabo de esquadra da polioia com sua competente patrulhá, e perguntou á mulher a causa do seu pranto, a que respondeo: que o marido a acabava de massar; acudio o marido, e disse: que apenas lhe tinha dado com seu lenço pela cara, que não fizesse sua mercê caso daquella invencioneira; ao que acudio a mulher furiosa: — “ Oh! Senhor Cabo, olhe que este desavergonhado assoa-se á mão! — „

CHARADA.

De quanto se passa n' alma
Sou eloquente expressão:
Solto me perco nos ares,
Preso opprimo ao coração. 1
Eu sou principio, e sou fim
Da vaidosa humanidade!
De mim o mundo formou-se
Entre as mãos da Divindade. 1

Quer no gosto, quer no cheiro,
Agradavel planta sou;
Muita gente d' outros tempos
Commigo se coroou.

A. de J. A.

A charada do n.º antecedente exprime a palavra — Dialogo.

Do Annuario politico, historico e estatistico do Brasil, publicado em Paris no anno proximo-passado, extraímos o seguinte

QUADRO LITTERARIO.

LISTA DOS JORNAES QUE ACTUALMENTE SE PUBLICAÇÃO NAS
PROVINCIAS E NA CAPITAL DO IMPERIO.

Litterarios e scientificos.

- Rio de Janeiro. — *Revista Trimensal do Instituto Historico.*
 — *Annaes de Medicina.*
 — *Archivo Medico* (mensal).
 — *Minerva Fluminense* (semanal).
 — *Gazeta dos Tribunaes.*
 — *Ostensor Brasileiro* (com estampas).
 — *Auxiliador da Industria Nacional.*
 — *Ramalhete das Damãs* (musical e poetico).
 — *Jardim Romantico* (litterario).
 — *Archivo Romantico* (litterario).
 — *A Mulher do Simplicio* (poetico).

Noticiadores e commerciaes, e accidentalmente politicos.

- *Jornal do Commercio.*
 — *Mercantil.*
 — *Diario do Rio.*
 — *Courrier Brésilien.*

Politicos.

- *Sentinella da Monarchia.*
 — *Brazil.*
 — *Social.*
 — *Tempo.*
 — *Brado do Amazonas.*

- Niteroy -O *Socialista*.
 -O *Governista Provinciano*.
 Campos -O *Monitor Campista*.
 -O *Commercial Campista*.

Políticos.

- Ouro Preto -O *Constitucional*.
 -O *Publicador Mineiro*.
 -O *Recreador (litterario)*.

Políticos.

- Goyaz -*Correio official*.
 -O *Goyano*.
 S. Paulo -O *Governista*.
 -O *Censor*.
 Porto Alegre -O *Imparcial*.
 -O *Commercio*.
 Rio Grande -O *Rio Grandense*.

Scientificos e litterarios.

- Bahia -O *Mosaico (quindecendial)*.
 -O *Crepusculo (idem)*.
 -A *Escota Domingueira*.

Noticiadores e commerciaes ; accidentalmente politicos.

- O *Mercantil*.
 -O *Commercio*.
 -*Gazeta commercial*.
 -*Correio Mercantil*.

Políticos.

- O *Guaycurú*.
 -O *Cabalista*.
 -A *Sovela*.
 Caxoeira. -O *Brasileiro*.

- Santo Amaro *-Philopatria*. (litterario).
 Sergipe . . . *-Correio Sergipense*.
 -Estrella.
 Alagoas . . . *-O Alagoano*.
 -Voz Alagoense
 Pernambuco *-Revista Medica* (scientifico).

Commerciaes , noticiadores e politicos.

- Diario de Pernambuco*.
-Diario Novo.
-O Lidador.

Politicos.

- O Clamor publico*.
-O Sete de Setembro.
-O Azurrague.
-A Carranca (avulso)
-O Corneta (irregular).
-O Guarda Nacional.
-O Regenerador.
-O Verdadeiro Regenerador.
-O Esqueleto (irregular).
-O Bezerra de Pera (idem).

- Nazareth . . . *-O Nazareno*
 Ceará . . . *-Pedro Segundo*
 -Fidelidade.
 Piahy . . . *-Correio da Assemblèa*.
 Maranhão . . . *-Arquivo Maranhense* (litterario)
 -Revista Maranhense.
 -Publicador Official.
 -Correio Maranhense.
 -O Unitario.
 -Correio de Annuncios.
 -O Patusco (irregular).
 Caxias . . . *-O Brado de Caxias*
 Pará . . . *-Treze de Maio* (Official).

Alguns destes periodicos desapparecem depois de publicados poucos numeros; mas outros novos surdem e vem substituir o lugar dos que feneceirão; de sorte que he difficil fixar em huma epoca a lista exacta dos existentes, sem incorrer o risco de comprehender alguns extinctos, e excluir outros recém-nascidos. Mas esta incorrecção, se por ventura se der na lista que apresentamos pouco influirá para as considerações que vamos deduzir.

Comparando esta ultima lista com a de 1835, vemos que o numero dos jornaes cresceu, elevando-se agora a 78, e mostrando por consequencia hum excesso de 22 sobre os que existião na epoca anterior. Mas não he tanto este excesso o que prova os progressos da nossa imprensa, e o desenvolvimento do gosto, tanto dos escriptores, como dos leitores dos jornaes. O que prova incontestavelmente estes progressos, he o augmento no numero dos periodicos meramente scientificos e litterarios, os quaes actualmente na capital são em numero de onze, e em todo o Imperio montão a desasete; quando no periodo antecedente erão sómente cinco: o que verifica hum accrescimento do triplo. O que ainda mais patenteia estes progressos, he o maior crescimento da circulação dos jornaes, os quaes de anno a anno vão ganhando hum campo mais vasto de leitores: assim, por exemplo, o *Jornal do Commercio*, que quando principiou a sua carreira em 1827 tinha apenas 400 assignantes, e que em 1833 ainda não possuia

mais de 700, agora, em 1846, conta mais de 4:000. O *Diario do Rio*, que naquella primeiro periodo teria quando muito 1:400, hoje conta mais de 2:200. O *Mercantil*, muito mais moderno que os antecedentes, tem cerca de 2:700.

Ainda he outra prova dos progressos da nossa imprensa, o engrandecimento do formato que tem adquirido a maior parte dos jornaes. O do *Commercio* principiou em 1827 do tamanho de huma folha de papel almaço de marca vulgar em 1833 augmentou a maior formato, e em 1838 avultou ao ponto em que o vemos hoje; competindo em tamanho, em variedade e interesse das materias contidas nas suas columnas, e na nitidez e correccção da impressão, com os mais acreditados jornaes de França e Inglaterra. Quando este jornal traz supplemento, durante as discussões das camaras, encerra nas suas paginas tanta escripturação, quanta pôde conter hum livro em 8.^o Francez de 200 a 250 paginas. O *Mercantil* rivalisa com o *Jornal do Commercio* em todas estas qualidades; e o *Diario do Rio* aproxima-se-lhes. Tambem muitos outros jornaes da Bahia, Pernambuco e Maranhão, adoptarão grandes formatos e se fazem interessantes pela variedade das materias que contêm.

As typographias tem geralmente augmentado em numero, e melhorado muito em material, machinas e fytos. Só no Rio de Janeiro existem actualmente em actividade dezoito typographias, das quaes a do *Jornal do Commercio* he incontestavelmente a mais

importante. Tem esta hum material que se pôde estimar em cerca de 120 contos; possui tres prelos mechanicos, e muitos outros de forma ordinaria; tem mais de oitenta individuos empregados no seu costeo ou do jornal, e pôde com grande rapidéz imprimir para o dia seguinte as mais prolixas discussões da camara dos deputados, posto que a publicação destas ordinariamente sahe com hum ou dois dias de intervallo. O capital circulante deste valioso estabelecimento regula para mais de 200 contos annualmente.

A typographia do *Mercantil*, posto que esta empresa seja de data muito mais moderna, tem já hum material de mais de 60 contos, e emprega 76 pessoas nos costeo do estabelecimento e serviço do seu jornal. A imprensa nacional he igualmente huma officina importantissima, com nove excellentes prelos e 62 empregados. As typographias do *Diario do Rio*, dos senhores *Lequmert*, *Paula Brito*, do *Brazil*, e outras, posto que muito menos importantes que as supra mencionadas, são tambem valiosos estabelecimentos, onde existem continuamente em actividade muitos trabalhadores.

CONSUMO DO CHÁ NA INGLATERRA.

Em 1833, só a cidade de Londres consumio vinte e sete milhões de libras de chá, quando a França inteira consumira apenas 220000 libras;

a Hollanda 2500000; a Russia com os seus 60 milhões d'habitantes 5200000; a Dinamarca 129000; a Austria 2000; os Estados Sardos 5600; os Estados do Papa 4200; Nápoles 9400; e a Sicilia 1700

Rogamos aos srs. assignantes que ainda não pagarão cousa alguma da sua assignatura; aos que devem dous annos e meio; e áquelles que não saldárão as suas contas quando terminou a remessa das folhas, a bondade de consultarem a relação destas dividas, que, para seu melhor conhecimento distribuimos avulsa com o n.º 72.

Rogamos igualmente aos srs. assignantes que alli não forão mencionados, e que devem um e dous annos da sua assignatura, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia respectiva.



NA LIVRARIA DE BERNARDO XAVIER PINTO DE SÓUSA,

estabelecida no Ouro Preto, vendem-se entre outros muitos Livros, os seguintes.

ADDITIONAMENTO ao Regimento interno do Senado.
Codigo dos juizes de paz ou collecção de todas as leis, decretos, resoluções, provisões, portarias, officios, &c. que lhes dizem respeito, obra indispensavel aos juizes de paz, subdelegados, superleutes, inspectores de quartirão, fiscaes, escriptaes, membros das camaras municipaes, e em geral a todos os cidadãos brasileiros; 2.^o edição, corregida e augmentada.

FORMULARIO para uso dos juizes de paz, (e hoje tambem dos subdelegados) contendo todas as formulas para as decisões, actos e termos judiciais, que devem começar perante os ditos juizes, procedendo a cada um acto as explicações necessarias.

GUIA dos juizes de orphaões, dos tutores e curadores e de todos os escriptaes, contendo a legislação que a todos elles respeita para bem desempenharem seus officios e attribuições, com acerto, e legalidade obrarem o que as leis lhes incumbem; as leis testamentarias, as relativas ás avalliações, compromissos, e arbitramentos, os regimentos de salarios, e das audiencias, e entra essa legislação achando-se alguma inedita, e mui importante; obra in-

dispensavel aos ditos juizes, escriptaes, tutores, curadores avallidores, e aos pais de família, assim como ás mais classes da sociedade. Dada á luz pelo conselheiro José Paulo de Figueiroa Nabuco de Araujo.

GUIA ou novo manual dos collectores e collectados, obra que contém, além da collecção de todas as leis, regulamentos, portarias, etc. publicadas desde a creação dos collectores, os modelos que lhes sao mandados observar nas suas escripturas, e toda a legislação anterior a que se refere a instituição das collectorias.

INSTITUIÇÃO do jury e seu processo na Europa e na America, vertido do inglez por José Soares de Azevedo.

NOVA guia dos guardas nacionaes do imperio, contendo o regulamento das guardas nacionaes, a lei das reformas, o decreto do fardamento as instituições para o manejo e o exercicio de fogo, e todos os decretos e portarias ulteriores sobre as regras de disciplina, conselho de qualificação etc.

PRIMEIRAS linhas do processo civil e criminal para uso dos juizes de paz pelo bacharel Gabriel João Nunes Furtado.